

Jornal das Senhoras – Tomo II – 8 de agosto de 1852 – Edição 32

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00032.pdf

TOMO II - DOMINGO, 8 DE AGOSTO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS

Sempre que principio a escrever um artigo de modas tenho tanto que dizer... E` uma pena. Dizem que é um artigo secundario; que em primeiro logar estão outros que são dignos das honras e preferencias; que remedio se não emmagrecel-o e metter a viola no sacco... Vamos e venhamos, eu tambem concordo que nem por sombras elle póde ter as pretenções de hombrear com esses outros que guarnecem as columnas do nosso Jornal, tão instructivos e tão cheios de elegancia e litteratura; mas hão de permittir, que sem a noticia das modas o Jornal não teria todo o tempero necessario para adubar o manjar luterano do bom-tom que apresentamos todos os domingos á vossa mesa de recreio. E não passaria de um *Jornal jarreta*. Já ouvi dizer isto.

A cozinheira que taes petiscos prepara não é das afamadas; coitada, tambem nunca aprendeu, por isso não sabe fazer florões e bonitos nas massas e folhados, porém aquillo que faz é com aceio e consciencia: não estufa *gato por lebre*, e os guisados que prepara são de facil digestão.

Tencionava ella arranjar um pratinho que devia ser bem saboroso, era mesmo de lamber os beiços; mas o que havia de acontecer.... sempre é bem infeliz! depois de já ter refogado os temperos (cheirava que era um gosto) voarão os principaes objectos que determinavão o acipipe, e ficou a coitada com as cassarolas a ferver!

Ella está pelos ares! Tem encommendado a todas as *cabeças de vento*, e até empenhou-se com os que fazem *castellos no ar*, a ver se podem apanhar por lá os *implumes voadores*!

Estais pensando neste momento que era talvez algum *fricandó* de pombinhos ou bellas perdizes, que baterão a aza quando menos se esperava? Qual! era de cousa de que ainda ninguém se lembrou; nem mesmo as doceiras, que de tudo fazem doce, poderiam adivinhar.—Era de mantas, chales e córtes de vestido de seda. E dos de barra escoceza, que são os do trinque da moda.

Este pratinho, envolvido nas dobras de uma bordada e fina toalha de bretonha de França, devia ser offerecido a um gentil ranchinho que a

semana passada contestava calorosamente a moda das mantas e dos chales; e por estar em S. Domingos de Nictheroy lá lhe ia ter o presente para ser apreciado, das duas para as tres horas da tarde. Porém não ha gostos perfeitos; o ranchinho voltou para a côrte e o seu primeiro cuidado foi visitar o armazem Wallerstein, onde as moças virão e examinarão com todos os seus cinco sentidos chales, mantas e vestidos. Forte incredulas! O resultado foi cada uma comprar o seu córte de seda (como era lindo o azul), e ficarem acreditando que a amiga Christina é exacta e verdadeira. E ficarão sem o presente.

Que as mantas e os chales estão de novo inscriptos na lista dos elegantes ornamentos do *toilette* do bom-tom, é fóra de toda a duvida: os ultimos manteletes, chamados—manteletes-chales—já revelavão a proximidade desta transição da moda, cuja necessidade fazia sentir-se ha muito. Não obstante, as elegantes parisienses ainda trajão o mantelete-chale, mas o empregão sómente em certos casos em que se casa bem a occasião com o *toilette* acompanhado de tal adorno. O trajar grave requer um chale, e as mantas substituem o mantelete, uma vez que o vestido é afogado.

Os Parisienses nunca são dispoticos nas suas innovações, sendo elles soberanos no gosto e delicadeza das modas. Desde que imaginão esta ou aquella mudança, tratão de combinar anticipadamente todas as suas relações symetricas, toda a graciosidade que se lhe póde dar; e para que a novidade não produza desagradavel sensação, e não seja regeitada pelo mundo elegante, o supremotribunal das modas, apresentam elles o que se

chama—transição—que vem a ser um meio termo entre a moda antiga e a que está para vir. Com esta arte e precaução predispõe-se o gosto, e quando a moda faz a sua reviravolta é acolhida por todos com ramos, corôas e applausos.

Effectivamente os chales modernos, além de que são apropriados para a estação, têm seu cunho especial de novidade; a reprodução já não é a do antigo chale com sua barra de PP e RR. Elles são de um delicado tecido de malha larga, imitação de barege, com desenho geral de côres lindas, mas que se não pôde explicar pela sua diversa fantasia; muito compridos, de sorte que servem de manias, e dobrados em duas partes formão um magnifico chale quadrado. Avaliai a sua finura.

Na presente estampa tenho eu occasião de vos apresentar um exemplo a respeito do mantelete-chale. Reparai nesse que traja a figura da vossa esquerda, o qual representa uma senhora *em situação interessante*; como é rico e nobre para esse nobre e solemne estado; como se ageita a todas as fórmãs e posições, dando, mesmo assim, alguma graciosidade a um corpo que não está em o seu estado normal, e dizai-me se esse mantelete já não está representando um chale? Pois eis-ahi a transição.

Apezar, porém, de serem mui bonitos e de continuarem estes manteletes na moda *aqui na nossa terra* por muito tempo ainda, é totalmente improprio ás moças solteiras. Este lado, esperançoso e pretendente, do nosso sexo, tem seus melindres em o seu *toilette*; e o primeiro e mais essencial é revelarem sempre que são solteirinhas.

Por esta vez, ponto: vamos á estampa.

DISCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

Toilette de passeio. Vestido de seda afogado, ornado de tres folhos iguaes, em disposição, guarnecido cada um por uma fita encrespada das mesmas côres da barra.—Uma gola ou cabeção de longos bicos termina as disposições deste vestido.—Mantelete-chale de veludo azul, forrado de setim côr de rosa, avivado todo com quatro ordens de estreito galão de veludo preto acompanhado de renda preta mui larga com outra estreita por cima orlando ambos os lados; esta mesma renda e encrespada guarnece o decote do mantelete e a volta inferior.—Chapéu graos de *naples* branco com tres ordens de crespos de blond successivos em volta da ába, os mesmos crespos pelo lado de dentro, e fechado por um laço de grandes pontas volantes de fita pintada.—Penteado de bandós muito encrespados simulando canudos.

Toilette de baile. Vestido de filó bordado a capricho com desenhos d'alto a baixo, deixando intervallos iguaes entre si, sobre outro de tafetás côr de rosa.—Corpinho liso de

meio bico, cabeção de bico guarnecido de duas ordens de estreita renda; cinto de fita muito larga e de pontas volantes.—Penteado de meios bandós, ornado de fita azul formando ao lado esquerdo um laço de pontas volantes enriquecido de camelias dobradas.

Aquella fina correntinha, que se precipita do lindo pescoço nú para prender no cinto um de

— 43 —

licado e pequeno relógio, é de immensa graciosidade e bom tom. As diversas pulseiras de fantasia de ouro e pedras são ornamentos indispensaveis em todo o *toilette* de rigor.

E dessa pequena suissasinha, tão loura, tão viva, vendendo ovos, não quereis que lhe descreva a sua roupagem? Pois assevero-vos que se tivesse uma filhinha lhe mandaria fazer, por fantasia, uma destas vestimentas. Ha tanta singeleza, tão bons costumes nesta gente....

Infante, 6 de agosto.

Christina.

A MULHER É DUAS VEZES nossa mãe.

Dirigir-me-hei ás almas adolescentes, e interrogarei aos amantes que idolatram pela primeira vez.

Quando o olhar de uma mulher tem illuminado sua vida com um esplendor ainda desconhecido; quando um encanto secreto e poderoso dilata e faz palpar seu coração;

Quando Deus manifesta sua omnipotencia para elles em um sorriso; quando elles têm apercebido o Céu, no extasis de um primeiro osculo de amor;

Quando a criatura adorada, que lhes appareceu uma vez, permanece na sua lembrança como uma visão sempre radiante; e quando tremulamente se pergunta se tanta belleza não é uma illusão que vai-se-nos desaparecer;

Quando as lagrimas humedecem suas palpebras pensando em sua amada, e quando suspirando dizem : — Oh! quizera morrer por ella!

Eu lhe perguntaria : —O que será a mulher? Crêdes que seja um brinco de um instante, que se possa prescindir e quebrar?

Crêdes que seja uma fôrma sem pensamento e sem amor, feita para divertir nossos olhares?

E os amantes me responderão, e as almas adolescentes, que amão a primeira vez, também dirão:

«A mulher é Deus mesmo, revelado em toda a sua graça, rindo-se em toda sua belleza, fallando a nossos corações com todo o seu amor.

A mulher é a palavra de consolação, e o futuro visível, afim de que nós tenhamos coragem para viver.

A mulher tem alguma cousa de mysterio, só collocado entre o Céu e a terra, para que a terra não maldiga o Céu; e sua fórma suave e doce sómente as torna para os homens desgraçados—os bons genios e os anjos consoladores.

«Um só instante de amor da mulher é a constancia de uma longa vida; é pelos lábios da mulher que passa o sopro de Deus.»

Eis-aqui o que dirão. Ora, digo-vos, em verdade, que aquelle que ama não se engana na escolha de seu coração;

Porque o amor eleva a alma do homem acima de si mesmo, e o põe em contacto com um mundo superior.

Ouvi agora, vós todos que despresais e opprimis a mulher, não amais!

Ora, como Deus não vos deu senão ella para amar, e vós não a amando sereis um ente sem alma: vegetais no odio como as plantas envenenadas!

Só o amor póde dar ao pensamento humano sua sancção; o coração é a pedra de toque das idéas. Não falleis, homens sem corações, já que não amais! Mas nós que amamos e que vivemos, bemdizemos Deus e agradecemos á mulher que nos deu a vida, porque a mulher é duas vezes nossa mãe; e quando ella nos dá o amor, concede-nos uma segunda vida, porêm mais divina;

Ella salva-nos ferindo-nos, e nos cura ao desfallecimento da morte, fazendo soffrer os doces tormentos do amor.

Tu feriste meu coração, ó minha irmã! e desde este tempo aspiro-te como o veado que, sentindo um lado ferido de uma flexa, aspira a água de uma fonte.

Eu soffro e bemdigo minhas dôres; choro e vejo o Céu atravez de minhas lagrimas.

Oh! como poderia deixar de te amar? Como se poderá viver sem pensar em ti? Como se poderá atormentar e procurar tornar-te desgraçada?

L'abbé Constant.

O AMOR MATERNO.

Heureux l'homme à qui Dieu donne une sainte mère!

(LAMARTINE, SEPTIENNE HARM.)

Felicitando um sabio varão a certa mãe de familia pela educação que déra a seus filhos, que ainda em tenros annos, trilhárão a vereda da virtude, e erão os ornamentos da Igreja, perguntou-lhe que methodo particular seguira na sua instrucção religiosa: ao que a senhora respondeu-lhe—«Jamais amamentei meus filhos, sem que pedisse a Deus que me concedesse a graça de

— 44 —

fazer delles herdeiros do Céu; vestindo-os de manhã, eu supplicava a meu Pae celeste que os revestisse um dia com o manto da justiça de Christo; preparando-lhes a frugal refeição, rogava a Deus que concedesse a suas almas o pão do Céu; e quando os conduzia á casa do Senhor, implorava-lhe que os sanctificasse, para se tornarem os templos Espirito Santo; quando de mim se ausentavão para irem á escola, acompanhava-os com a vista pedindo a Deus que protegesse a sua innocencia; e quando finalmente a noite trazia o repouso, dirigia em silencio preces ao Criador para que os abençoasse.»

Por aqui vemos que influencia podem ter as orações silenciosas de uma mãe verdadeiramente christã. Começão seus piedosos cuidados desde a hora do nascimento de seus filhos, e não cessa um só momento de chamar sobre elles as benções do Altissimo... Conhecerá essa mãe, que de Deus recebera seus filhos, e que era responsavel para com elle, pela maneira por que os educasse. Sabia que serião inuteis os seus esforços, se o Eterno por sua infinita misericordia não lhe entregasse o soecorro do seu Espirito para sanctificar e salvar suas almas, e tinha constantemente os olhos fitos n'Aquelle, que está sempre perto dos que o invocão, e attento ás suas vozes.

Sentimentos existem no coração de uma mãe, que ella só póde experimentar: todos os outros laços são fracos em comparação do que a liga a seus filhos. O que ha de mais profundamente gravado em nossos corações do que a lembrança de uma mãe? E porque?—Porque se occupa com seus filhos sem se importar comsigo.—Dos olhos de um filho borbulha involuntario pranto, quando se lembra de sua mãe, porque para elle a vida desta é toda de sacrificio. Conhece uma mãe outro interesse, outros prazeres que não sejam os de

seus filhos? Que lhe importão os gozos da vida e a propria vida, quando se trata de tudo sacrificar a seus filhos? A saude, a doença, a tributação, a alegria, tudo lhe é indifferente quando a seu respeito está inquieta. Debalde procurareis na terra generosidade e sacrificio de si mesmo, iguaes aos de uma mãe!...

Quando o espirito começa a desenvolver-se, e que os objectos, que cercão a infancia, attrahem sua attenção; a mãe, que dirige as primeiras impressões que o mesmo recebe, exerce grande influencia sobre toda a sua vida. Possui então um poder de que mais tarde é privada: é ella quem responde ás primeiras perguntas de seu filho. Quando elle admirando as estrellas de que o Céu está marchetado lhe pergunta: «quem fez tão brilhantes cousas?» é um dever da mae extremosa fallar-lhe d'esse Criador, tão grande e tão bom, que nos Céos habita, e que nos dá todos os bens de que gozamos. A' medida que se for desenvolvendo o espirito, fallará a mãe a seu filho desse Jesus, que nasceu em uma mangedoura e morreu na cruz; e quando dispuzer o seu travesseiro para o repouso nocturno, e vir as suas palpebras pesadas pelo somno, será para ella agradável privilegio fazel-o proferir—o *Padre nosso*—o, ensinal-o a amar esse Pai, cujo nome tão cedo pronuncia.

Se escáparão tão favoraveis occasiões, se os dias da infancia se ausentarem, e o espirito só de loucuras e erros for nutrido, essa criatura tão preciosa crescerá na ignorancia de Deus e do caminho que conduz á vida eterna.

Dir-me-heis, ó mães de familias, que não tendes capacidade para instruídes o vosso filho? Mas quando reclinado ao vosso collo vos pede que lhe conteis uma historia, sabeis lhe fallar de algum rei fabuloso em lugar de occupar a sua attenção com a historia do bom rei Solomão, que preferiu a sabedoria a todos os bens terrestres! São vossas palavras recebidas com confiança: *minha mãe o disse*, é um argumento sufficiente para convencer o menino das mais importantes verdades.

Esse menino, que ora brinca ao vosso lado, annunciará talvez algum dia, a endurecido peccador, o Jesus do Céu baixando, para dar vida ao mundo. Quem déra a Thimoteo, esse digno obreiro do Senhor, as primeiras lições de piedade? Quem conduzira a Samuel, depois de propheta e juiz de Israel, á casa do Senhor? Quem o consagrara ainda nas faixas infantis, ao serviço de Deus?—Uma mãe piedosa.

E se não germinar a semente lançada na infancia, se não produzir frutos sob as vistas noturnas, deveremos concluir que estão perdidas?—Certamente que não: e para provar o que dizemos, sirva o seguinte exemplo:

Encontrando um sacerdote a certo marinheiro na rua, travou com elle conversação, e exhortou-o a não desprezar os interesses eternos da sua alma. Debulhando-se em lagrimas

exclamou o marinheiro—Basta! não me falleis mais: *era exactamente o que me dizia minha mae.*

—Seguira-o em suas longas navegações o conselho materno, e ainda conservavão poder seu coração as palavras daquella que por elle orara.

Não é somente para o gozo desta curta vida

— 45 —

que deveis preparar vossos filhos. Quando para elles se finalizar o mundo em que habitão, e as honras e os prazeres forem olvidados; então, somente então começarão a viver aquelles, a quem tiverdes dado a existencia. Formão-se agora suas almas e deveis ajudal-os nesta empreza. Não penseis que nenhuma das vossas acções é indifferente para com vossos filhos; é tão grande a ascendencia que sobre elles exerceis, que serão sentidas até quando tiverdes desaparecido da face da terra, e descançardes das vossas fadigas sob a louza do sepulchro. Podeis acaso esforçar-vos, para que vossos filhos gozem dos bens passageiros deste mundo, e não podereis dirigir o seu espirito a Deus, que vive a reinar eternamente?

Se tiveramos a ventura de ser nossa voz ouvida por todas as mãis de familias, lhes pediríamos que se não descuidassem do bem espirital de seus filhos.

Sim, a Religião, só a Religião que nos reuna, que nos eleve e que nos caracterise. E quando descançardes no tumulto das fadigas do mundo; o filho, então pai querido e esposo extremoso, irá beijar a campa da mulher sua mãe, com os olhos fitos em Deus orando por ella.

A VIRGEM.

No Album da Exma. Sra. D. C. H. P.

I.

Amo a virgem pudibunda,

Recatada,

Como a rosa rubicunda,

Debruçada,

Sobre a triste humilde cruz.

Amo a virgem doce e bella

D'alma pura

Como o brilho d'uma estrella,
Que fulgura
Com fulgente e doce luz.

II.

Amo a virgem pensativa,
Recostada,
Vendo a limpha que se esquivava
Namorada
Do seu rosto encantador.
Amo a virgem que suspira
Docemente
Como a noite d'uma lyra
Mui cadente
D'amoroso trovador.

III.

Como o som de meiga flauta
Magoada,
Qual canção de triste nauta
Inspirada,
Onde avista mar e Céu.
Amo a virgem cá na terra
Suspirando,
Neste exílio em que s'encerra
Lamentando
O cançado exílio seu.

IV.

Como a nuvem vaporosa,
Prateada,
Que nos foge pressurosa
Equilibrada
Pelas campinas do ar.

Amo a virgem embebida
Em risonho
Passatempo apercebida,
Como um sonho
Que nos foge ao despertar.

V.

Amo a virgem lacrimosa
Debruçada,
Qual imagem vaporosa
Ajoelhada,
Derramando o pranto seu.
Revestida qual um anjo
Na roupagem,
Lamentando qual archanjo
Sobre a lagem
D'um gellado mausoléo.

VI.

Amo a virgem bella e pura
Reclinada
Sobre a fonte que murmura,
Mergulhada
Do amor na meiga luz.
Amo a virgem doce e bella
D'alma pura
Como o brilho d'uma estrella
Que fulgura
Sobre a triste, humilde cruz.

Salomon.

LEGENDAS DA FLORESTA NEGRA.

I.

O CORTEJO NOCTURNO.

O castello do *Lago* pertencia aos condes de Seeburgo ; erão doze irmãos que não tinham se

— 46 —

não uma irmã, encantadora criatura, cuja doçura e benevolencia igualava á ferocidade delles. Ella desaprovava secretamente seus costumes selvagens. Quando seus irmãos partião para uma de suas crueis expedições, via-se a moça assentada junto a uma janella da casa, donde melancolicamente observava a paizagem. Ella sonhava uma natureza menos acerba e companheiros menos ferozes.

Como para corresponder á um dos votos de seu coração, sobre a outra margem do Lago habitava uma familia piedosa e justa: temia a Deus e respeitava os homens. O Margrave de Blumenthal¹ e suas doze irmãs erão queridos de seus vassallos. Mas os condes de Seeburg não o podião soffrer. Sua bondade, sua delicadeza, fazião parecer mais brutal a conducta dos irmãos deshumanos.

Edith, sua irmã, não experimentava por Conrado de Blumenthal o mesmo sentimento. Ella encontrára muitas vezes o *Margrave* na caça, ou quando passeiava no batel sobre o lago, no entretanto que os doze condes cavalgavão ao longe. Seus olhos se encontravão com uma satisfação mutua, porque ambos se julgavão de uma belleza pouco cummum.

Ella não ousava fallar de seu amor a seus irmãos, bem certa de que uma tal confissão os encheria de furor; os condes testemunhavão diante della tanto ódio como desprezo por Conrado.—E' um hypocrita, dizião elles, que se deveria ter mettido em um convento.

Conrado unia entretanto a destreza á coragem, se bem que os condes, máo grado a sua aversão, não ousavão travar razões com elle, nem sitial-o em seu castello.

Edith e Conrado fizeram o que fazem todos os amantes contrariados: avistavão-se secretamente. O mysterio durou algum tempo; depois os condes forão advertidos.

Um dia que elles tinham deixado suas habitações aos primeiros albores da aurora, voltarão sem serem esperados e perguntarão por sua irmã.

¹ Dignidade alemã.

Encostada no braço do Margrave, ella admirava neste momento a encosta do monte Buhl, sitio maravilhoso em que os rochedos, as cascatas e a verdura formão uma paizagem igual a do paraíso.

Não a achando, os condes não pensarão se não na vingança. Resolvêrão dar um peso grave á situação, para invadirem o castello do seductor; a *Cabeça Negra* devia estar mal vigiada; e no entretanto o senhor de Blumenthal fazia ardentes protestos de amor.

Elles pois se introduzirão entre os abrolhos e pinheiros, atingirão ao monumento sem ter sido vistos, e se precipitarão no pateo. Um pequeno numero de soldados se achavão espalhados em differentes pontos, em tomo do edificio. Os doze salteadores os matarão um por um, depois conduzirão para sua fortaleza todas as pessoas que encontrárão como prisioneiros.

Quando vierão annunciar ao *Margrave* esta catastrophe, uma expressão terrivel animou sua bella figura, e elle levou convulsivamente a mão á sua espada. Como não havia mais necessidade de enganar as apparencias, Edith o seguiu. Conrado levantou a ponte, fechou as portas de seu castello, chamou homens alistados á sua bandeira. Elle pensou com desesperação que suas irmãs estavam á discrição dos ferozes Seeburg.

Estes, de seu lado, reunião todas as suas forças. Os dous partidos se encontrárão na planice de Murgthal: a batalha foi sanguinolenta, encarniçada, e por muito tempo indecisa. Emfim a má causa venceu, como acontece muitas vezes neste mundo. A tropa do *Margrave* foi dispersada; e elle mesmo succumbiu ao poder de seus inimigos. Os condes em sua retirada sitiárão o castello e conduzirão sua irmã para casa.

Os scleratos meditavão uma vingança atroz.

Em presença da pobre Edith, cada um por sua vez deu uma punhalada no pobre Conrado! A moça, que os tinha inutilmente supplicado, foi accommettida de violentos ataques nervosos, e morreu no meio das convulções!... Os assassinos abandonárão os dous cadaveres, sem testemunhar alguma compaixão, e forão jantar com a satisfação de terem completado seus desejos.

Quando, depois do banquete, atravessárão elles a salla em que jazião os corpos das duas victimas, ficarão bem admirados de ver que tinham desaparecido os doze punhaes que ficarão cravados no peito do *Margrave*.

Elles perguntavão a sua gente ; mas ninguem lhes pode esclarecer este mysterioso facto. Não querendo affligirem-se mais, retirárão-se para seus quartos, que erão juntos dos das irmãs de Conrado. Seria uma hora da manhã, quando, forão traspassados seus corações.



Erão as irmãs de Conrado que assim vingavão seu irmão!

Morre.... dizia cada uma dellas, morre, impenitente, debaixo do golpe do mesmo punhal com que te serviste para ferir um nobre coração.

Morrêrão todos sem se poderem defender!

Este justo sacrificio tinha, todavia, produzido algum rumor. Os soldados inquietos despertarão e derão signal de alarma, suppondo que um ataque nocturno se dirigia contra o castello. Apenas puderão dar credito ao testemunho de seus olhos, quando virão sahir as doze irmãs de suas camaras com um castiçal na mão, como as virgens sabias da Escripura. Ellas trazião os punhaes com que tinham morto os condes assassinos. Os soldados souberão bem depressa que não tinham mais chefes; desesperados, desembainhão suas espadas para vingal-os.

Mas a desgraça desespera as mais doces naturezas; as irmãs de Blumenthal não erão senão victimas resignadas.

Com seus semblantes encantadores e suas expressões funestas parecião os anjos das batalhas. Uma luta horrivel se travou entre ellas e soldados. Matarão um bom numero delles, porém terminarão por cahirem mortas sobre a lousa, cubertas de sangue.

Tal foi a deploravel fecundidade do mal! Se os condes criminosos perecêrão, quantos innocentes os precedêrão no tumulto!... quantas victimas fizerão elles ainda depois de terem recebido o premio de seus crimes!

O castigo dos scelerados não é mais cruel que os soffrimentos immerecidos dos justos.

O castello do Lago tornou-se inhabitavel. Depois da morte das doze irmãs, accidentes se davão todas as noites; uma trave se despregava do tecto, uma pedra das muralhas, a casa se transformava em ruinas, posto que não fosse muito antiga. A maldição de Deus pesava sobre uma casa manchada pelo crime. Os habitantes forão obrigados a mudarem-se e a entregal-a ás corujas e aos passaros das trevas.

Nas sextas-feiras uma apparição estranha lembrava as desgraças que tinham intristecido o valezinho, actualmente solitario. Quando o grande astro chamado Aldébaran² occupa o seu zenith, vê-se sahir da *Cabeça Negra* treze virgens vestidas de branco, conduzindo um cadaver, cujo peito sanguinolento está aberto em doze partes. Uma dellas tem entre as suas a mão direita do morto, e o contempla com desespero. O cortejo, nocturno segue as margens do lago para circunscrevel-o.

² A lua.

A` mesma hora, doze homens vestidos de preto deixão o outro castello e seguem igualmente as margens do *Mummelsee*, porém em direcção contraria. As noites as mais profundas e medonhas não impedem de apparecer os dois cortejos, porque das virgens sahe uma emanação que se tomaria pelos raios da lua, e um clarão vermelho, como o de um brazeiro, envolve os condes de Seeburg. Elles se encontravão regularmente junto de uma arvore secca, cujos ramos seccos gemião com o sopro da brisa da noite. Os espectros trocãose olhares furiosos, e as mulheres com um sorriso cruel pronunção estas palavras acabrunhadoras:—Malditos! amaldiçoados sejão para sempre!...—Os dous cortejos seguem depois seu caminho.

Depois de darem tres voltas em torno do lago, entrão nas ruinas desmanteladas. As gaivotas lanção gritos sinistros na sua passagem, e o espanto se repercute no meio das ruinas, enquanto: a neblina da manhã não dissipa as sombras.

Por todas as riquezas da terra os montanhezes não querião achar-se neste logar ao pôr do sol, mesmo em outro dia que não fosse sexta-feira.

CHRONICA DA QUINZENA.

Chronica da quinzena!... Todas as vezes que tenho de escrever este *palanfrorio*, tremo: depois rio-me.

Tremo, por ser este trabalho um escabroso caminho de bicos, espinhos, tropeços e comprometimentos para nos chronistas que o temos de trilhar de quinze em quinze dias.... Nós?! Nós, sim, Sra. D. Bellona; e porque não? *Quem faz chronica é chronista*: disse-o ainda hontem em certa casa um mocetão, que, pelo muito que fallou, pareceu-me grande fallador. Ora, feita esta estupenda descoberta, não resta duvida que a Belloninha tambem é chronista. Agora, se ella é da ninhada dos *d'agua doce*, isso não sei. Em menina, dizião os rufiões da época—que era um bom peixinho; se o foi, o que eu duvido, por certo está decidido que é d'agua doce, porque ella é cá do Rio.

E rio-me, porque nós somos, vós sois e elles são chronistas! Não vai mais na carta.

Digão-me porém as minhas queridas leitoras, se eu fizesse a historia do que tem particular e publicamente occorrido nesta cidade, desde os retos do mez passado até hoje, o que não diria de bonito! de picante! e de massante! Que de reclamações! que gritaria contra a Bellona!... Mas, como nem todas as verdades se dizem, senhora comadre, ahi está a razão

porque o chronista-que sabe levar agua ao seu moinho-em duas palhetadas faz uma chronica. E é chronica.

Vá eu fallar agora de politica, censurar um vizinho meu porque bate com as pedras do gamão com toda a força de sua falta de consciencia para com o seu proximo, ao ponto de ter ainda hontem quebrado duas! Faça a chronica da rua dos siganos com o seu systema á Macadam, que quer dizer em portuguez—mar de lama—metta-me a trapalhona, e verão o que por ahi vai. Nada: não chega o Jornal para a chronica.

Direi antes que fui á representação dos *Puritanos*; á secção do magnetismo explicado pelo Sr.... Ulysses na pessoa, valha a verdade, de sua mana, no theatro de S. Francisco; vi em ensaios as dançarinas do theatro de S. Pedro de Alcantara peruetarem muilo bonito; estive no Cassino, Campestre, Sylphide, e Lisia; assisti a um

— 48 —

baptisado, dous casamentos historiados, duas partidas, uma reunião em casa do Sr. Dr. Candido Borges, outra em casa do Sr. Pinheiro; emfim, nestes quinze dias sahi fóra do meu serio e fui vista em toda a parte onde me foi possivel estar: até fui em pessoa fazer as pazes (contra o antigo rifão) de um marido com a sua santa companheira, que estavam arrufados ha oito dias por causa de um pedaço de pão-de-ló! Ora, um pedaço de pão-de-ló....

Contar-vos hei estecaso, que tenho licença de publicar-o. O marido é um serrazina de cincoenta annos e a senhora uma ciumenta de sessenta: já por esta differença de idade ha entre elles um *ruge-ruge* constante. Esta senhora gosta muito de pão-de-ló; todos os dias manda comprar um de mil réis em casa do José Thomaz Carceller, onde se fazem mui bem feitos, para ir debicando depois do jantar, e á noite ao chá dá conta do resto, com o que passa sempre mal; tem mãos arrotos, sonhos pesados, e falta de somno. O marido arrePELLa-se, esbraveja contra o pão-de-ló, e diz continuamente á sua senhora, que não coma mais pão-de-ló, que lhe faz muito mal. Uma noite, voltando elle ás onze horas para casa, e por acaso encontrando a senhora acordada ainda, chegou-se á ella, com os cumprimentos do costume, sacou do bolso do paletot uma grande fatia de pão-de-ló embrulhada em papel de peso, e deu-lhe dizendo—Aqui está; não me esqueci de você.—O papel foi desembulhado, já em meio de arrufos, mas assim que a senhora viu a fatia de pão-de-ló.... santos breves da marca! os arrufos subirão de ponto, e foi tudo raso! Papel e pão-de-ló forão ar rojados ao chão; e por ultimo a senhora, dirigindo-se para seu quarto, disse-lhe o seguinte:—Sim, sim, eu devo desconfiar deste infernal pão-de-ló; ou foi alguma moça quem lh'o deu, ou o senhor o trouxe muito de

proposito para me fazer mal; não é possível crer que o senhor, que tanto se tem zangado e gritado porque eu como pão-de-ló todos os dias, seja o próprio que muito innocentinho venha trazer-me uma fatia daquelle tamanho, ás onze horas da noite! E fechou a porta do quarto por dentro.

Ora, eis-ahi a razão porque muitos homens vão errados: quem mandou o Sr. F.... levar á sua esposa uma falia de pão-de-ló, quando elle mesmo não queria que ella o comesse? Mas, sabidas as contas, o pão-de-ló era de araruta, e por estar mui bem feito, o Sr. F.... esqueceu-se de tudo para obedecer aos impulsos da amizade que consagra á sua mulher, sendo elle mesmo portador do presente que lhe mandava uma de suas intimas amigas. Mas para que foi dizer que a lembrança era sua....

E com esta historia, entrei por uma porta, sahi pela outra, manda el-rei meu senhor que conte outra, fecho a chronica desta vez.

6 de agosto.

Sempre vossa

Bellona.

ANEDOTA VERDADEIRA.

Pelo tempo do Natal, em certo logar em que se costuma passar a festa, ajuntavão-se varias familias á noite e divertião-se com toques, danças, cantorias e jogos de prendas. A um destes jogos assistia, e nelles entrava um certo pascacio que pretendia galantear a uma das meninas da companhia, menina mui viva e espirituosa. Chegada a occasião de sentenciar as prendas, coube ao *pobre rapadura* o dar a sua sentença; e quando a pessoa que guardava as prendas lhe perguntou o que fará o dono ou dona desta prenda, sahiu-se *o engraçado com este bom acerto*:—Se fôr homem comerá capim, pondo-se de quatro pés ahi no campo; e se fôr senhora, irá para a porta da rua e tres vezes *berrará de mosquito*.—Fundiu-se a casa com risadas, e muito mais quando se viu que a prenda era do próprio basbaque, que teve de se pôr de quatro pés, etc.

Agradecemos ao Sr. G. M. as suas delicadas atenções; não publicamos a sua carta, tão bem escripta, por nos faltar autorisação para isso.

Com este numero vai a quinta estampa deste semestre, com dous figurinos, um para passeio e outro de baile.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; com lindos figurinos dos de melhor tom em Paris, e no ultimo Domingo de cada mez uma peça de musica.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. N. 70, A E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por seis mezes 6U000 rs. na Côrte, 7U000 rs. para as Provincias.

Os semestres contão-se em Janeiro, e Julho, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos Silva Júnior, Rua da Carioca n. 32.